

1. Crônicas de uma pandemia anunciada

Renato Tardivo¹

O analista: isolamento, travessia

3 meses, 1 dia e 15 horas

Sexta-feira, 13 de março de 2020. Ao chegar no consultório, a segunda paciente do dia recusa minha aproximação e diz: “Hoje sem beijo”. Imediatamente percebo que a onda, ainda há pouco restrita a alguns países, havia nos atingido. Outro paciente, no mesmo dia, aparece de máscara. Meio sem jeito, eu esboço um aperto de mãos, mas ele me ensina a saudação do momento e oferece o cotovelo. Após um dia ouvindo histórias de pessoas de contextos diversos, eu deixo o consultório ciente de que uma mudança radical está em curso.

Nesse mesmo horário, minha companheira está saindo de casa para ir ao teatro com uma amiga. Digo a ela que a situação é preocupante e sugiro que reconsidere a saída. Ela agradece minha preocupação, conversa com a amiga e mantém o plano. Quanto a mim, intuindo que se tratava de uma despedida, em vez de voltar direto para casa, caminho a esmo pelas ruas próximas ao consultório.

¹ Professor colaborador do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), psicanalista e escritor. Contato: rctardivo@uol.com.br.

Entro em um restaurante. Clima de *happy hour*. Embora me sente sozinho em uma mesa para seis pessoas, olho ao redor e me questiono se não estou correndo um risco desnecessário. Abro o iPad. Estou prestes a terminar a leitura do livro-reportagem sobre o crime cometido por Suzane von Richthofen e os irmãos Cravinhos (Campbell, 2020). A música no fone de ouvido abafa o chiado intermitente das picanhas nos *réchauds*, cortado às vezes por gargalhadas desesperadas. Peço uma cerveja. E leio.

Minha companheira envia uma mensagem. Chegou ao teatro. A peça será encenada por uma companhia europeia. Eu fico ainda mais preocupado, o índice de contágio na Europa está bastante alto, escrevo em resposta, mas ela não visualiza a mensagem, a peça deve ter começado. Depois da segunda cerveja, chamo um Uber e volto para casa.

Enquanto me preparo para dormir, leio as páginas finais do livro. Suzane não consegue a progressão para o regime aberto, porque não convence as autoridades de que não cometeria novamente um crime daquela magnitude. Minha companheira ainda não voltou da rua. Eu adormeço.

O noticiário do dia seguinte confirma que a sensação de onda chegando contaminou o país. Minha companheira se questiona se foi um erro ter ido ao teatro. Entro em contato com dois colegas psicanalistas e, embora os perceba preocupados, noto que eu estou mais. Em questão de horas, contudo, minhas expectativas se concretizam. O fim de semana transforma por completo tudo o que está relacionado ao ir e vir, ao estar com.

De comum acordo com meus pacientes, todas as sessões são alocadas temporariamente para o formato remoto. No início da semana, as atividades acadêmicas presenciais são suspensas, bem como cursos e eventos. Eu desisto da festa dos meus 40 anos. Desmarco as passagens aéreas dos meus filhos, que ficariam comigo na semana do aniversário para matar a saudade que, a cada dia, me mata um pouco.

As primeiras semanas de isolamento consolidam o formato remoto das comunicações. Todas as minhas atividades profissionais se adaptam, e provavelmente jamais fui tão produtivo. Introduzo uma rotina de atividades físicas (dentro de casa). Perco peso, o que vinha almejando.

Por outro lado, situações de ansiedade ocorrem com maior – e diferente – frequência. A qualidade do sono fica comprometida. O desgoverno do país não poderia estar mais evidente, e é outra – mortífera – contaminação com a qual temos de nos haver. O medo da morte toma forma: mais do que nunca, morrer é coisa séria.

Não saio de casa desde aquela longínqua sexta-feira 13, no mês de março. Sequer fui ao *hall* do elevador, à portaria do prédio, à garagem, nada. Isso significa que estou em prisão domiciliar há exatos três meses, um dia e quinze horas.

Uma série de fatores concorre para isso. Uma série de implicações decorre disso. Um grande amigo me deixou um recado esses dias no qual intuía que um dos motivos para eu estar tão restrito, preservando-me ao extremo, talvez fosse o desejo de ter, o quanto antes, a perspectiva de reencontrar meus filhos.

Meu amigo não imaginava, suponho, o efeito que sua comunicação produziria em mim.

Narciso em férias

Após 4 meses em total isolamento, saio de casa pela primeira vez. Vou contemplar o pôr do sol, de dentro do carro, na praça que, de forma não aleatória, leva o seu nome.² Apesar de os tapumes – a máscara da praça? –, dispostos para evitar aglomerações, obstruírem a visão, é importante testemunhar que o sol ainda se põe.

E mais impactante ainda é transitar pelas ruas, o que implica um misto de sensações. Em certa medida, é libertador e eufórico. Mas, por outro lado, a movimentação muito abaixo da média traz a sensação de que habito o vazio e de que os poucos transeuntes talvez sejam fantasmas, como eu. Em todo caso, essa primeira saída vai compondo um quadro inserido no projeto de ter meus filhos por perto.

2 A Praça Pôr do Sol localiza-se no Alto de Pinheiros, na cidade de São Paulo. Trata-se de um ponto de encontro, sobretudo aos finais de semana. Nos primeiros meses da pandemia, em 2020, a praça foi fechada com tapumes.

Em meados de setembro, o número de infectados e, conseqüentemente, de mortos pela covid-19 começa, aos poucos, a decrescer no país. A situação ainda inspira cuidados, apesar daqueles que insistem em negar sua tragicidade. Minhas atividades sociais seguem restritas; as profissionais, a todo vapor, se mantêm exclusivamente em formato remoto.

Então, no âmbito da redução de danos, fica decidido que eu vou até a cidade onde meus filhos moram e os trarei de volta no mesmo dia. Como estarão em *homeschooling* até o fim do ano, poderemos passar um bom tempo juntos.

Mas, se estou tão recluso, vou encarar um, quer dizer, dois aeroportos? Vou, desde que tome uma série de medidas. A primeira e mais óbvia: descobrir se posso embarcar com álcool em gel. Curiosamente, sem que lhe pergunte ou, é evidente, exponha minhas motivações, um paciente que teve de viajar a trabalho me traz a informação, que checo em seguida: desde que em quantidade limitada, o álcool em gel é permitido, além de as próprias companhias aéreas oferecerem o produto aos passageiros.

Contudo, ainda não é o suficiente. Preciso reforçar a barreira de contato. Temendo o desconforto da máscara de acrílico, vou atrás de óculos de proteção, análogos aos que se usam em obras. Sem que ele soubesse, a ideia me foi apresentada pelo mesmo paciente que havia trazido a informação sobre o álcool em gel. Agora estou pronto: camisetas e máscaras extras na mochila, os óculos de proteção e a quantidade máxima permitida de álcool em gel.

Minha companheira me deixa no aeroporto. Pouquíssimas pessoas portam, além das máscaras convencionais, proteções de acrílico no rosto. Os óculos, que eu tenha notado, apenas eu uso. Um tanto desorientado, porque havia feito o check-in pela internet e não tinha bagagem para despachar, vejo um casal caminhando em minha direção. Por detrás de suas máscaras, eu os reconheço: Flora Gil e Gilberto Gil.

Fico ainda mais desnorteado. Deixo que eles passem e, quando tomam a direção da escada rolante que leva à área de embarque, já de costas para mim, saco o celular e tiro uma foto. Gil caminha sereno, mas em um ritmo que, para ele, talvez seja acelerado. Sobre os ombros levemente arqueados, ele porta uma pequena valise de couro. Se eles estão voltando para casa, intuo que embarcaremos no mesmo voo.

Dias antes, assisti ao documentário *Narciso em férias*, dirigido por Renato Terra e Ricardo Calil, no qual Caetano Veloso rememora de forma tocante o período em que foi preso pela ditadura militar, em dezembro de 1968, com Gilberto Gil. O relato retoma o capítulo “Narciso em férias”, do livro *Verdade tropical* (Veloso, 1997). Embora o capítulo tenha sido lançado em 2020 como um livro independente, fiz questão de resgatar em minha estante o exemplar de *Verdade tropical*, que havia comprado enquanto ainda cursava a faculdade de Psicologia e pouco lera.

No momento que vou ao reencontro dos meus filhos, estou prestes a terminar a leitura de “Narciso em férias”, e há nisso uma dupla coincidência. Primeiro, como ocorreu no meu primeiro dia de quarentena, estou terminando, em um momento determinante para mim, uma leitura que aborda prisão, clausura, isolamento. Mas arrebatador mesmo é o fato de, mais de 50 anos depois dos eventos narrados por Caetano, enquanto leio o capítulo, dar de cara com um personagem real do livro, Gilberto Gil, artista que tanto admiro.

Com efeito, ao adentrar a aeronave, minha intuição se confirma: Gil, ao lado de Flora, na primeira fileira, está mexendo no celular. Se não estivéssemos em um período de distanciamento social, eu talvez esboçasse uma tímida abordagem, um “Gil, obrigado” que fosse. Mas, sem dizer palavra e sorrindo com os olhos, também eles invisíveis por trás de toda a parafernália, passo direto e caminho até o meu assento, na parte traseira do avião. Até hoje me questiono se ao menos um gesto com as mãos, em sinal de gratidão, eu não poderia ter feito.

Ocorre que, para minha maior surpresa, as linhas finais de “Narciso em férias” narram a chegada de Caetano e Gil, ainda acompanhados por oficiais, à mesma cidade em que estamos prestes a pousar. As imagens descritas por Caetano, vistas do avião no início de 1969, são as mesmas que vejo agora, em 2020, e, o que chega a ser sublime, tendo Gil por companhia, lá e aqui.

Tanto para Caetano e Gil, no livro, quanto para mim, agora, aterrissar é libertação.

O entre-visto: retorno à clínica

O infamiliar

Nas duas breves crônicas apresentadas, em que trago algumas experiências profissionais e, sobretudo, pessoais ao longo dos seis primeiros meses de isolamento social, percebo algo que me parece relevante – a explicitação de uma circunstância que, em qualquer modalidade de vínculo, deveria ser considerada, mas que em uma situação pandêmica se potencializa: quando se trata de trocas humanas, estamos todos, em certa medida, no mesmo barco. O risco do contágio, as medidas de prevenção, a impossibilidade de encontrar pessoas, as comunicações a distância, a presença iminente da morte – ninguém está imune.

No que diz respeito à clínica psicanalítica, a modalidade remota de atendimento não era propriamente uma novidade antes de o mundo ser tomado pela pandemia da covid-19. Psicoterapeutas de diferentes correntes já atuavam nessa modalidade, regulamentada pelos conselhos em condições específicas. Outros profissionais, no entanto, pareciam mais resistentes. De todo modo, o que se coloca como novidade a partir de março de 2020 é a imposição do atendimento remoto.³

Evidentemente, a transição dos atendimentos presenciais para os remotos demandou uma série de cuidados, e muito se tem pensado, discutido e publicado a esse respeito. Prossigo escrevendo a partir da minha experiência, mas também pelo que posso acompanhar nos casos que supervisiono, nos diálogos com colegas e nas publicações que li sobre o tema.

É provável que as maiores dificuldades que tenho enfrentado com relação à mudança de enquadre sejam: como sustentá-lo, manejando a transferência e a contratransferência, em suma, cuidar do campo e “sentir com” (Ferenczi, 1928/2011), sem o contato presencial com o analisando? Mais ainda, como

3 Utilizarei os termos “remoto” ou “online” e não “virtual”, no esteio de L. C. Figueiredo, que propõe a dimensão da virtualidade intrínseca ao dispositivo psicanalítico. Ver Figueiredo (2020).

manejar essas questões com o encontro ocorrendo, via de regra, da casa do analista e da casa do analisando?

Há, também, a interferência de aspectos referentes à tecnologia. Por vezes o sinal de internet não está bom, o microfone pode falhar, o fone se desconectar. Mas nada que não possa ser contornado, e não houve uma sessão sequer que não tenha seguido até o fim. Além disso, vale dizer, há alguns pacientes que parecem desejar o retorno aos encontros presenciais, necessidade que eu também experimento certas vezes. No entanto, por outro lado, há clientes que já expressaram a vontade de permanecer no formato remoto.

O que podemos afirmar, por ora, é que a psicanálise terá de se reinventar. E, desse ponto de vista, ela empreende um retorno às origens. Como sabemos, foi a partir das observações clínicas e considerações sobre sua vida pessoal, abordadas sobretudo em sua correspondência com Fliess, que Freud formulou e – ora conservando aspectos, ora os superando – reformulou os primeiros conceitos psicanalíticos e empreendeu avanços nas modalidades de técnica.

Ao propor uma terapêutica calcada nas emoções e nos afetos, o criador da psicanálise subverteu o modelo médico então – e ainda – vigente e instaurou uma ética singular. Com efeito, essa ética provocou – e provoca – estranhamento, porque, entre muitas outras formas de descrevê-la, toma em consideração o abjeto, o inquietante, o infamiliar enquanto o que temos de mais fundante, originário, familiar (Freud, 1919/2019).

Tenho observado que, resguardadas as dificuldades nos atendimentos com crianças e com alguns pacientes cuja presença física se interpôs como essencial, bem como o cansaço extremo relatado por alguns analistas, a clínica online vem se consolidando não apenas enquanto uma alternativa ao isolamento social, mas também como uma modalidade possível e, por vezes, até desejável, mesmo no pós-pandemia (se é que chegaremos lá).

Em minha clínica, os casos que já atendia presencialmente, à exceção do atendimento com uma criança, migraram para o formato remoto sem maior problema. Recebi novos casos nesse período, e o resultado também tem sido interessante. De modo geral, e para minha surpresa, tenho me sentido bem atendendo online.

A respeito das instruções aos pacientes, diferentemente de alguns colegas que recomendam, além da privacidade, a utilização de fones de ouvido e que se portem diante de uma câmera estática, a única recomendação que transmito é que estejam em privacidade. Atendida essa condição, se querem se movimentar, mostrar objetos pessoais, cantos de sua casa, considero tudo isso material clínico. Quanto à minha postura, deixo claro que estou em privacidade, utilizo fones de ouvido e mantenho a câmera estática diante de um fundo neutro. Tem funcionado.

Creio, nessa medida, que a considerável estabilidade dos atendimentos remotos se deva exatamente a isto: trata-se de praticar psicanálise no sentido forte do termo, isto é, de repensar continuamente a clínica, consideradas a teoria e a técnica. Não é aleatório, aliás, que já há algum tempo a psicanálise dividida em escolas esteja perdendo espaço para uma psicanálise plural, com teorias ressignificadas e construídas à justa medida para cada analisando (Herrmann, 2015).

Efeito-câmera

Em que pesem os casos nos quais, por inúmeras razões, os atendimentos remotos sejam realizados por meio de chamadas de áudio ou ligações telefônicas, é inegável a importância da presença da câmera dos dispositivos (celular, computador, tablet) como encurtadora da distância entre o par: “ver é ter à distância” (Merleau-Ponty, 1961/2004, p. 20). A sessão de análise, assim, transforma-se em um longo plano-sequência, dentro do qual, paradoxalmente, podem ocorrer cortes, rupturas, dadas as especificidades da conversa entre analista e analisando.

E, se em praticamente todas as plataformas digitais aquele que é visto também se vê, “o entre-visto” (Pontalis, 2015, p. 91) se exacerba, quer dizer, o que é campo de um lado é contracampo do outro, e ambas as telas contêm uma janela do que aparece na outra. Ocorre que, se em alguns casos a câmera pode inibir a livre associação por parte do analisando, não podemos descartar, em direção oposta, sua função catalizadora, isto é, o efeito-câmera: a multiplicidade de quadros pode favorecer a reflexão.

Personagens reais

Algum tempo antes de o mundo ser tomado pela pandemia da covid-19, eu vinha pesquisando possíveis conexões entre a clínica psicanalítica e o método adotado por Eduardo Coutinho, que foi um dos principais documentaristas brasileiros, se não o principal. Essa pesquisa se insere em um estágio de pós-doutorado em Psicologia Clínica, ainda em andamento.⁴ Considerando a conjuntura dos atendimentos remotos, mediados em grande medida, como vimos, por câmeras, acredito que as reflexões em torno da obra de Coutinho e sua relação com a clínica podem auxiliar no encaminhamento das questões abordadas aqui.

Os documentários de Eduardo Coutinho ficaram marcados pela abertura radical à alteridade e, por conseguinte, pela reflexão do que emerge a partir da relação eu-outro, documentarista-entrevistado, câmera-personagem. O diretor costumava discorrer sobre algumas regras que ajudaram a compor seu estilo, como: o lugar único para a filmagem, a câmera estática e as entrevistas com pessoas comuns, anônimas. Essa pena imposta a si mesmo, isto é, estar preso ao presente da filmagem, segundo o cineasta, era o que poderia levar à libertação. E, para Coutinho, a libertação era a descoberta de “personagens reais”.

É interessante atentar para essa expressão: “personagens” – que remete a uma construção – e “reais” – uma alusão direta ao plano da realidade. Não se tratava, portanto, de um documentarista à procura de depoimentos que se prestassem a confirmar uma tese previamente formulada. Ao contrário, ele se lançava à incerteza, de modo que, diante da câmera, os depoentes pudessem tomar contato com sua própria história e, descobrindo-se personagens de si mesmos, ser personagens dos filmes.

Evidentemente, o enquadre e os objetivos da clínica psicanalítica não são os mesmos dos documentários de Coutinho. Muitas diferenças os atravessam. E, se na situação de atendimento remoto o efeito-câmera pode ser um

4 Um dos capítulos de meu trabalho anterior já havia sido dedicado ao filme *Jogo de cena*, de Eduardo Coutinho; ver Tardivo (2018). A pesquisa atual, no âmbito do pós-doutorado, é supervisionada pelo prof. dr. Daniel Kupermann (Laboratório de Pesquisas e Intervenções em Psicanálise do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – psiA/IPUSP).

encurtador de distâncias, não podemos desconsiderar que Coutinho se encontrava presencialmente com seus entrevistados. Mas, apesar disso, o efeito da construção de personagens reais – a potência que emerge de alguém que conversa sobre a sua vida diante do documentarista e do aparato – não seria análogo ao da construção e reconstrução de subjetividades com as quais deparamos na clínica psicanalítica, sobretudo quando mediada pela câmera?

Nesse caso, o cansaço dos analistas nos atendimentos remotos pode apontar também para um excesso, e não apenas para a tentativa de capturar algo que não está ali. Analogamente, a inibição de alguns analisandos nos atendimentos remotos pode estar a serviço da resistência, ou seja, do receio daquilo que pode emergir no encontro, mediado pela câmera, com o analista.

Montando as cenas: o novo normal?

Início de 2021. Após uma diminuição no número de casos de covid-19 entre meados de setembro e novembro de 2020, período em que muito se falou na aproximação do novo normal, os números voltaram a crescer exponencialmente e entramos o ano em um contexto bastante paradoxal e perigoso. De um lado, a euforia com a chegada das vacinas, de outro, números recordes de casos e mortes.

Por ora, continuo atendendo exclusivamente de forma remota, até que tenhamos um cenário mais seguro. Mas e o pós-pandemia, como será? O que podemos pensar a respeito do novo normal?

Inicialmente, é importante dizer que se trata de uma expressão muito problemática: se haverá um “novo” é porque havia um “antigo” normal. Ou seja, naturaliza-se toda uma conjuntura por meio da qual lidávamos com o planeta e uns com os outros, buscam-se bodes expiatórios para o surgimento e a proliferação do vírus e almeja-se um retorno a uma suposta nova normalidade. Ora, não há normalidade que não promova exclusão.

A esse respeito, Ailton Krenak (2020) afirma que vivemos sob a legalidade de que “o mundo não pode parar”, mas, em função da proliferação de um

vírus, “o mundo parou”, e a dor que decorre dessa tensão pode nos ajudar a pensar se somos, de fato, uma humanidade. Segundo o autor, naturalizou-se que “há uma sub-humanidade que vive numa grande miséria, sem chance de sair dela”. Nessa medida, o vírus, “organismo do planeta”, é uma espécie de resposta ao “pensamento doentio dos humanos”, e a covid-19, “uma espécie de mãe amorosa que decidiu fazer o filho calar a boca por um instante. . . . ‘Filho, silêncio’” (Krenak, 2020). Uma pandemia anunciada.

Krenak torce para que não retornemos ao que éramos antes da pandemia. Mas que, dessa experiência tão dolorosa, possamos extrair algum aprendizado. Também torço por isso. A propósito, o “aprender com a experiência”, expressão formulada por Bion (1962/2003), já faz parte do arcabouço psicanalítico há algum tempo. No entanto, atravessado também pelo pensamento freudiano, autor tido por alguns como pessimista – eu diria realista –, considero, infelizmente, pouco provável que a humanidade promova grandes transformações. Mas espero, ao menos, que não retornemos irrefletidamente ao ponto em que estávamos.

Ainda em quarentena, tenho vivenciado que, como dizia Eduardo Coutinho, impor penas a si mesmo pode resultar em experiências libertadoras. Com efeito, concordando com Krenak, na atual conjuntura o isolamento é uma consequência da resposta do planeta à forma como não cuidamos dele. Mas, se levarmos em conta a liberdade originária proposta por Sartre (1943/2015), isolar-se é uma escolha livre a partir do contexto de possibilidades que se nos apresenta no momento – e pelo qual também somos responsáveis.

Enfim, apesar de tudo – ou seria por causa de tudo? –, a potência dos encontros que tenho vivenciado ao longo desse período não me parece pouca coisa. Estranho? Encontro em Guimarães Rosa (1956/2019), se não a resolução dessa inquietude, talvez sua exacerbação: “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (p. 53).

Freud (1916/2015) também apontou para a importância da transitoriedade dos processos de luto e da potência do novo que deles decorre. A noção de temporalidade, dessa perspectiva, não se pauta pela atualização do passado em causalidade linear. Trata-se de uma travessia espiralada, regida pela

temporalidade *après-coup*, o tempo do só depois, na qual as inscrições do vivido são ressignificadas após a experiência.

Em um momento em que somos todos personagens reais, na clínica e fora dela, tudo – e apenas – o que podemos fazer é assumir que há ainda muito a ser feito. Sigamos, pois.

Referências

- Bion, W. R. (2003). *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1962).
- Campbell, U. (2020). *Suzane: assassina e manipuladora*. São Paulo: Matrix.
- Ferenczi, S. (2011). A elasticidade da técnica psicanalítica. In S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. IV, pp. 29-42). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928).
- Figueiredo, L. C. (2020). A virtualidade do dispositivo de trabalho psicanalítico e o atendimento remoto – uma reflexão em três partes. *Cadernos de psicanálise – CPRJ*, 42(42), 61-80.
- Freud, S. (2015). Transitoriedade. In S. Freud, *Obras incompletas de Sigmund Freud: arte, literatura e os artistas* (pp. 221-225). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1916).
- Freud, S. (2019). O infamiliar. In S. Freud, *Obras incompletas de Sigmund Freud: o infamiliar [Das Unheimliche]* (pp. 27-125). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1919).
- Herrmann, F. (2015). *O que é psicanálise – para iniciantes ou não...* São Paulo: Blucher.
- Krenak, A. (2020). *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Merleau-Ponty, M. (2004). *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac Naify. (Trabalho original publicado em 1961).

- Pontalis, J.-B. (2015). *Entre o sonho e a dor*. São Paulo: Ideias & Letras.
- Rosa, J. G. (2019). *Grande sertão: Veredas*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1956).
- Sartre, J.-P. (2015). *O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica*. São Paulo: Vozes. (Trabalho original publicado em 1943).
- Tardivo, R. (2018). *Cenas em jogo – literatura, cinema, psicanálise*. Cotia: Ateliê/Fapesp.
- Veloso, C. (1997). *Verdade tropical*. São Paulo: Companhia das Letras.

